UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

FERNANDA MARIA DA SILVA GALIZA

VIVÊNCIAS QUILOMBOLAS E A TRAJETÓRIA ACADÊMICA

BELÉM
2025

FERNANDA MARIA DA SILVA GALIZA

VIVÊNCIAS QUILOMBOLAS E A TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Memorial apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará em Pedagogia (FAED/ICED/UFPA) sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Edna Abreu Barreto.

BELÉM

2025

FERNANDA MARIA DA SILVA GALIZA

VIVÊNCIAS QUILOMBOLAS E A TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Memorial apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará em Pedagogia (FAED/ICED/UFPA) sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Edna Abreu Barreto.

Data de aprovação: 12___/__09_/2025___

Conceito: _EXCELENTE

Banca Examinadora:

_____

Prof.ª Dr.ª Edna Abreu Barreto.

Orientadora- Universidade Federal do Pará

_____

1º Professor(a) da banca

Universidade Federal do Pará

_____

2º Professor(a) da banca

Universidade Federal do Pará

Dedico este memorial, com o coração transbordando de gratidão e amor, à minha avó Carmen (In memoriam), que sempre esteve presente em minha vida, me dando todo amor e carinho do mundo, sempre irei amar.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é reconhecimento, é a capacidade de ser grato a algo que a vida nos deu, e por essa razão, escrever este agradecimento é um exercício muito satisfatório. Nesse sentido, gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos aqui: Primeiramente, à Deus, a força maior que me guiou em cada passo desta caminhada, dando-me forças nos momentos mais difíceis, confortando-me nas perdas e me mostrando o caminho quando eu estava perdida, sem a sua luz, nada disso seria possível!

Agradeço aos meus avós, Carmen e João, por todo amor, carinho e ensinamentos que me proporcionaram na infância, moldando o meu caráter e me ensinando o valor do trabalho árduo e da colaboração familiar. À minha mãe, Maria Eremita, pelo amor incondicional e apoio, mesmo à distância. Ao meu irmão, João Neto, que me apoia cuidando da minha casa e dos meus filhos, quando eu preciso.

A todos da família do meu pai e da minha mãe, que me acolheram, e foram muito importantes na minha trajetória até aqui. Ao meu tio Rosemiro e sua família, que me receberam em sua casa, com todo amor e carinho. Ao meu tio Rosenildo, que, naquele momento de profunda dor pela perda de minha avó, deu-me a força que eu precisava para seguir em frente. Ao meu esposo, João Júnior, pelo amor, companheirismo, compreensão e apoio incondicional durante toda a minha jornada acadêmica. Aos meus filhos, Flávia, João Felipe e Maria Flor, que me inspiram diariamente a seguir em frente.

Agradeço à minha orientadora, Prof.ª Dr.ª Edna Abreu Barreto, pela paciência, orientação e apoio durante a construção deste trabalho, pelos conselhos valiosos e incentivo constante. À minha prima Soraia, pelo auxílio fundamental que me deu durante a trajetória até aqui. À minha irmã Tália e à minha mãe, pelo apoio nos cuidados com a minha filha Maria Flor durante as aulas. Agradeço também às minhas amigas Debora Galiza, Daniele Pereira, Elcilene Silva, Maria Eduarda, Márcia Goes, Rayanne Magno e Rutileia Maciel, pela amizade e companheirismo durante todo esse período. A todos os professores e colegas do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação acadêmica.

À comunidade quilombola Santa Maria de Itacoã Mirim e Guajará Mirim, pelo carinho, acolhimento e pelas histórias que me inspiraram a escrever este memorial. A

todos os moradores de Itacoã Miri que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação.

À minha cunhada Ocilene e a Cleia Silva, por cuidarem do meu príncipe João Felipe, no início da minha trajetória acadêmica. Às professoras Josy Brito e Maria Oneide, que cuidaram da Maria Flor quando eu precisei.

Não poderia esquecer da minha amiga Maria Carolina Moreira, que em todos os momentos de desespero sempre me acalmava com suas mensagens de apoio dizendo: Vai dá tudo certo, minha querida!

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

" A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.” (Nelson Mandela, 1918-2013)

RESUMO

Este memorial apresenta uma reflexão sobre a interseção entre as vivências em uma comunidade quilombola e a minha trajetória acadêmica. Ao longo do texto, irei narrar experiências significativas da minha vida, incluindo as tradições culturais, as brincadeiras e a importância da coletividade que moldaram minha identidade e valores. Buscarei destacar a influência da família e da comunidade na formação de minha visão de mundo, ressaltando a riqueza e a resistência cultural quilombola. A minha trajetória acadêmica é apresentada como um desdobramento dessas vivências, no qual desafios encontrados na escola e na universidade são discutidos. Irei refletir sobre as conquistas e superações que marcaram minha formação. Além disso, revelarei como a educação se tornou uma ferramenta de empoderamento, fazendo com que eu compreenda e valorize ainda mais minhas raízes culturais.

Palavras-Chave: Memória. Educação. Resistência. Quilombola.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9

1.1 Apresentação do Memorial 9

1.2 A comunidade Quilombola 12

2 VIVÊNCIAS QUILOMBOLAS 14

2.1 Cultura e tradições 15

2.2 A Infância em Itacoã 18

2.3 Desafios e Resistência 22

2.4 A vida na capital e o início de um novo ciclo 24

3 A DECISÃO DE CURSAR O ENSINO SUPERIOR 27

3.1 Trajetória Acadêmica 28

3.2 Desafios e conquistas na academia 31

3.3 Contribuição da academia para a Comunidade 34

4 REFLEXÕES DE UMA QUILOMBOLA 37

REFERÊNCIAS 38

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho configura-se como um memorial de formação que reflete sobre a minha vivência quilombola e trajetória acadêmica, construindo uma compreensão de como esse processo se dá, de seus desafios e das transformações ao longo do tempo. Mostra também como a vida na comunidade quilombola e a academia podem caminhar juntas para a construção do conhecimento e para a troca de experiências, fortalecendo, assim, a literatura sobre essa temática.

Para fundamentar esta reflexão, utilizarei os trabalhos de Severino (1997) sobre a definição de memorial, bem como os referenciais teóricos de Prado e Soligo (2020), que oferecem importantes contribuições sobre a formação humana e o papel da educação. Eles nos ensinam que a formação é um processo contínuo que envolve não apenas o conhecimento teórico, mas também as experiências vividas e como ela pode contribuir para construção do conhecimento.

Os autores enfatizam a importância da reflexão crítica sobre essas experiências, permitindo que nos tornemos agentes ativos na construção do nosso conhecimento. Além disso, destacam a relevância das dimensões sociais e culturais na formação dos indivíduos e defendem que a educação deve ser contextualizada, levando em conta as realidades dos alunos. Para esses autores, o educador deve atuar como mediador, promovendo um ambiente no qual o saber é construído coletivamente.

Ao longo da construção deste memorial, será apresentada a minha trajetória pessoal e acadêmica, na qual serão explorados os desafios, as experiências e a construção do conhecimento sobre essa temática, contribuindo para a valorização da educação quilombola como área importante do campo educacional.

1.1 Apresentação do Memorial:

A construção de um memorial envolve a necessidade de visitar o passado para conhecer a história de um povo, onde cada detalhe contribui para entender a tradição e os costumes e apresentá-los às novas gerações. Dessa forma, é importante entender o significado de narrativa, segundo Prado e Soligo (2020, p. 03):

> A palavra narrar vem do verbo latino narrare, que significa expor, contar, relatar. E se aproxima do que os gregos antigos clamavam de *épikos* – poema longo que conta uma história e serve para ser recitado.

A narrativa é um importante meio para reunir as informações e construir o

conhecimento sobre uma determinada temática, buscando enumerar os fatos que ocorreram com um povo ou em um local. Sendo assim, é necessário entender como esse processo narrativo ocorre, dessa forma explana Prado e Soligo (2020, p. 03):

> Narrar tem, portanto, essa característica intrínseca: pressupõe o outro. Ser contada ou ser lida: é esse o destino de toda história. E se 'as coisas estão prenhes da palavra', como preferia Bakhtin, ao narrar falamos de coisas ordinárias e extraordinárias... e até repletas de mistérios – que vão sendo reveladas ou remodeladas no ato da escuta ou na suposta solidão da leitura.

A construção de uma narrativa se baseia na reunião de dados que buscam esclarecer determinado fato, contribuindo para a formação da cultura de um povo e de sua passagem para as futuras gerações. Assim, a narrativa se mostra como um importante registro da história. Nesse sentido, Prado e Soligo (2020, p.03) afirmam que "essa relação entre a narrativa e o que nela se revela faz com que suscite interpretações e não explicações – não é o que explica que conta, mas o que a partir dela se pode interpretar."

A partir disso, entende-se que, para a construção de um memorial, é necessário fazer uma retrospectiva das memórias construídas ao longo da história de um povo, repassando as suas tradições, os seus conhecimentos e costumes registrado, para que, assim, possam ser repassados às novas gerações, sendo assim nos informa Prado e Soligo (2020, p. 05):

> Ao narrar, visitamos o passado, na tentativa de buscar o presente, onde as histórias se manifestam, trazendo à tona fios, feixes que ficaram 'esquecidos' no tempo. O que buscamos, nesse momento, não é somente trazer informações sobre nossa história, mas sim estimular em todos que delas se sentem parte integrante, personagens, o despertar de outras histórias, para que se produzam outros sentidos, outras relações, outros nexos..

A construção de memórias é importante para o fortalecimento do legado de um povo e para a proteção de sua cultura. Dessa forma, o memorial é crucial nesse processo de proteção da história, segundo Severino (1997, p. 141):

> [...] uma forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido. Deve dar conta também de uma avaliação de cada etapa, expressando o que cada momento significou, as contribuições ou perdas que representou [...].

O resgate da memória busca fortalecer a identidade cultural de uma comunidade. Dessa maneira, os conhecimentos são repassados de modo oral para as novas gerações: os mais velhos ensinavam aos mais novos, fortalecendo cada vez mais a necessidade de se registrar esses fatos para preservar a história e o seu legado

para as próximas gerações, para Figueiredo e Philipp (2024, p.04):

> Reconhecemos, ainda, que a memória coletiva é uma dimensão que fundamenta o processo de reivindicação territorial quilombola e fortalece os esforços para a manutenção de um modo de viver comunitário que foge da lógica individualista capitalista.

A memória coletiva é fruto desse esforço de repassar à nova geração o conhecimento e a história daquela comunidade quilombola, pois é necessário conhecer mais sobre essa realidade para que seja possível extinguir ou diminuir o preconceito com esses povos. Sendo assim, Santana (2024, p.32) nos define:

> Os quilombos não constituem espaços de negros fugidos, como reza a história oficial; também não se restringem a um passado distante. Constituem potencialidades que a modernidade tenta apagar. Reúnem saberes construídos nas teias de processos próprios que os constituem enquanto sujeitos de direitos, com identidades diversas, culturas, corpos, vozes, cantos, fé.

A partir disso, é necessário mostrar a força e a resistência dos quilombolas, para isso, precisamos entender o conceito de quilombo, que, segundo Santana (2024) é um termo com origem na língua umbundu, dos povos Bantu, sendo escrita na língua mãe como “Kilombo”, sendo assim traduzida para o português como “Quilombo”. Os quilombos se tornaram um símbolo de resistência contra a escravidão, pois surgiram pela união de escravizados que fugiam de engenhos ou fazendas. Para Santana (2004, p.34):

> Os quilombos representam a luta do povo negro contra a violência e opressão, impostas através do processo de escravização. Foram forjados, no cerne da violência escravagista, como movimento de resistência a esse sistema em busca de liberdade.

Ao longo dos anos, a formação e a definição de um quilombo acabaram sendo vistas de forma equivocada pela sociedade, o que contribuiu para a falta de conhecimento sobre a sua verdadeira origem. Assim, Santana (2004, p.29) nos define:

> Apesar de inadequada e insuficiente, a definição de quilombos como espaços de negros fugidos atravessou séculos e, ainda hoje, segue ecoando em diversos segmentos da sociedade. Contudo, essa definição limitante passou por um processo de ressemantização o que contribuiu para desmistificar visões estereotipadas sobre esses territórios.

A partir disso, é necessária a construção de mais conhecimentos sobre a cultura quilombola, visto que há poucos subsídios no campo acadêmico. Portanto, a luta quilombola deve ser apresentada exatamente por quem a vive no seu dia a dia, por isso é importante fazer esse resgate da memória e incentivar a formação de novos pesquisadores quilombolas, visto que ainda há muito a ser explorado na história de

nossas comunidades.

1.2 A Comunidade Quilombola

O início da minha caminhada acadêmica tem como cenário a Comunidade quilombola Santa Maria de Itacoã Miri, localizada na região do baixo acará, no município do Acará-PA. Essa comunidade é o local do meu nascimento e tem “como significado do seu nome pedra amarela miúda e está localizada na mesorregião do Nordeste Paraense”. (MONTEIRO, 2018).

Para chegar até a comunidade, segundo a Oliveira (2013), podemos tomar dois caminhos: o primeiro é por via fluvial, na qual a travessia pode ser feita através de barcos que ficam no “porto palha” e na “feira do açaí”, que estão localizados nos bairros do Condor e Jurunas; a segunda forma é por via terrestre, através da estrada de terra e sua entrada no km 25 da alça viária, no município de Acará.

A comunidade quilombola Santa Maria de Itacoã Mirim nasceu, segundo o relato dos antigos moradores, a partir da fazenda de Antônio Clemente Maciel de Farias, conhecido como coronel Maciel. Nas palavras de Oliveira (2013, p. .55):

> Nesta fazenda existia a casa grande e uma olaria que, juntamente com a pecuária e agricultura, eram os pilares econômicos da família Maciel, que contava com o trabalho escravo do negro.

Com o passar dos anos, aos poucos, a comunidade foi formada pelos descendentes dos escravizados, que construíram a sua coletividade com os seus costumes, passando as suas tradições e conhecimentos para as novas gerações, preservando a sua cultura, fortalecendo a sua memória e resgatando o orgulho sobre a sua origem e resistência.

Essa construção social, é profundamente marcada pela interseção entre Raça, Classe e Gênero, onde homens e mulheres compartilham a herança racial de uma história de exclusão e resistência. As desigualdades estruturais, associadas à condições econômicas desfavoráveis, impactam o acesso à direitos e oportunidades para todos. As relações de gênero refletem tanto as dinâmicas sociais mais amplas quanto o papel fundamental das mulheres negras, que, com o apoio dos homens da comunidade, enfrentam e superam múltiplas formas de opressão. A identidade coletiva da nossa comunidade é resultado da interação entre Raça, Classe e gênero, onde homens e mulheres, juntos, moldam suas experiências, práticas culturais e forma de resistência.

A economia da comunidade é centralizada na produção familiar agrícola local. O transporte dos produtos é feito por meio dos rios e o comércio é realizado nas feiras da capital, como nos mostra Oliveira (2013, p. 6):

> A economia em Itacoã-Miri está baseada em atividades que se perpetua entre as gerações, o trabalho de campo permitiu identificar algumas atividades mais comuns como a produção de carvão e farinha de mandioca, coleta de frutas regionais (especificas por épocas, safra) e pequenos estabelecimentos comerciais.

A comunidade é rica culturalmente, na minha infância, vivenciei a presença marcante de duas vertentes do cristianismo: o catolicismo, com as festas de Nossa Senhora do Monte Serrat, e o protestantismo, com os encontros da Assembleia de Deus. No início, elas não tinham uma boa convivência, mas com o passar dos anos, tornou-se algo respeitoso, pois cada uma seguia a sua missão e não tinha mais conflitos. Nesse sentido, Lima (2017, p.67) afirma que:

> As práticas religiosas são representatividades de uma reafirmação de sua identidade cultural e a religião dá liberdade para se aglutinar diversas práticas até mesmo porque ela não se limita a tratar somente os aspectos da religiosidade.

As festas religiosas tradicionais, mantidas até hoje, demonstram a vitalidade dessas práticas comunitárias, reforçando os laços culturais e fortalecendo a história de nossa comunidade, mostrando que é possível viver cada um a sua religião de forma harmoniosa e respeitosa.

A comunidade também possui uma escola que oferece o acesso à educação infantil e ao ensino fundamental do 1º ao 5º ano, além de um posto de saúde para o atendimento da população, um Trapiche onde pegamos a embarcação para ir e vir de Belém, um Campo de Futebol, uma Quadra de Esporte e Igarapés.

Ao longo da construção deste memorial, irei aprofundar cada vez mais na história e na memória deste local tão importante para a minha caminhada de vida e acadêmica, desbravando os altos e baixos, os desafios e as descobertas para mostrar a importância da cultura quilombola, além de enfatizar que a educação é uma importante ferramenta para a divulgação, valorização e das comunidades quilombolas, assim como para conhecer mais sobre a sua origem, memória e cultura.

2 VIVÊNCIAS QUILOMBOLAS

A comunidade quilombola de Itacoã Mirim personifica a resistência e a riqueza cultural brasileira. Nossa profunda ligação com a terra sustenta nossa economia,

baseada na agricultura familiar – a produção de açaí, farinha de mandioca e outros produtos locais, transmitida por gerações, define nossa identidade e garante o nosso sustento. Após uma longa luta, conquistamos a titulação de nossas terras, assegurando nosso direito ancestral à posse, o reconhecimento da nossa luta mostrando a nossa força. Nas palavras de Oliveira (2013, p. 27):

> A partir do momento em que uma comunidade negra se reconhece como remanescente quilombola e procura lutar pelo seu direito de posse legal do território onde viveu, dá-se início a um processo de identificação. Tal processo traz em seu bojo a recuperação da memória coletiva do grupo, como laços genealógicos, a sua relação com outros grupos de familiares e comunidades negras. A sua identidade cultural, danças, festas, religiosidade, são também atributos dessa identificação.

Embora tenhamos superado o desafio da demarcação territorial, ainda enfrentamos obstáculos no acesso à educação: nossa escola atende somente até o 5º ano do Ensino Fundamental, obrigando os jovens de nossa comunidade a se deslocarem para comunidades vizinhas para dar continuidade aos estudos. Na área da saúde, embora o novo posto de saúde seja pequeno e não conte com médicos especializados diariamente, representa um avanço significativo no acesso a cuidados essenciais.

A busca pelo reconhecimento e pela valorização da nossa cultura quilombola é uma constante, pois lutamos todos os dias contra os estereótipos e o preconceito presente em nossa sociedade. Entretanto, essa luta é enriquecida com a abertura ao diálogo de nossas demandas, fortalecendo, assim, um movimento de resistência. Nesse sentido, a comunidade de Itacoã Mirim é um exemplo de resiliência e perseverança, demonstrando a força e a importância da cultura quilombola para a construção de um Brasil mais justo e diverso.

Nossa luta pela terra, pela preservação de nossas tradições e pelo reconhecimento de nossos direitos é um testemunho dessa trajetória tão importante para o fortalecimento de nossa identidade cultural e para a garantia dos nossos direitos para as futuras gerações.

2.1 Cultura e Tradições

A cultura e as tradições da comunidade quilombola de Itacoã Miri se manifestam em diversas formas de expressão e meu coração se enche de saudade quando lembro da minha infância nesse lugar mágico. A vida na comunidade era simples, mas rica em aprendizado e em momentos especiais, a gente brincava no

igarapé, construía castelos de areia e aprendia a nadar naquelas águas lindas e cristalinas.

Figura 1- Igarapé da comunidade



Fonte: arquivo pessoal da autora (2025)

As tardes ensolaradas na comunidade eram perfeitas para as brincadeiras com minhas amigas, transformávamos o terreiro em um universo de possibilidades infinitas: castelos, batalhas de petecas, bate garrafa e explorações em busca de tesouros escondidos. Em meio ao verde das árvores, o canto dos pássaros criava uma trilha sonora inesquecível para essas aventuras. Essas lembranças da infância, repletas de diversão, criatividade e aprendizado, são preciosas e insubstituíveis.

As brincadeiras ao ar livre, além de proporcionarem momentos de alegria e união familiar, contribuem significativamente para o desenvolvimento de nossas capacidades físicas, cognitivas e socioemocionais, moldando nossa personalidade e nossa formação integral como indivíduos. A liberdade, imaginação e interação social presentes nessas brincadeiras deixaram marcas profundas e positivas na minha vida, moldando quem eu sou hoje, como nos diz Queiroz et al (2006, p. 170):

> Como a criança é um ser em desenvolvimento, sua brincadeira vai se estruturando com base no que é capaz de fazer em cada momento. Isto é, ela aos seis meses e aos três anos de idade tem possibilidades diferentes de expressão, comunicação e relacionamento com o ambiente sociocultural no qual se encontra inserida. Ao longo do desenvolvimento, portanto, as crianças vão construindo novas e diferentes competências, no contexto das práticas sociais, que irão lhes permitir compreender e atuar de forma mais ampla no mundo.

Portanto, as brincadeiras na infância são importantes para o desenvolvimento das capacidades psicomotoras e habilidades que serão cruciais para a sua vivência e a construção de memória afetiva. Dessa forma, lembro-me das brincadeiras de roda que fazíamos na escola da comunidade: de mãos dadas, cantando músicas que aprendíamos com os mais velhos, as crianças corriam entre as casas, jogavam bola, “bate garrafa, taco, peteca”, entre outras brincadeiras que faziam com que interagíssemos uns com os outros. Divertíamo-nos sem precisar de muita coisa, as festas na comunidade eram sempre um grande acontecimento.

As festas de Nossa Senhora do Monte Serrat e os cultos da igreja Assembleia de Deus não eram só celebrações religiosas, eram momentos de união e resistência de nossa comunidade, onde mantínhamos viva a nossa fé e a nossa tradição. Apesar de todas as dificuldades, essas festas e cultos reuniam a comunidade para cantar, rezar e celebrar a fé.

O cheiro de comida caseira e a alegria das pessoas me faziam sentir parte de algo maior, algo ao qual eu pertencia. Lembro-me das festas do padroeiro, uma grande festa com músicas, danças e muita comida, tinha também o futebol masculino e feminino, que reuniam as comunidades para torcer pelos seus times e celebrar o esporte que tanto nos unia.

As mulheres da comunidade são cheias de sabedoria, lembro-me das benzedeiras — mulheres sábias que usavam ervas medicinais para curar doenças e acalmar as almas. Essas mulheres eram como guardiãs da sabedoria ancestral, passando seus conhecimentos de geração em geração, mantendo a tradição. Para Silva (2022, p. 28):

> As benzedeiras trazem consigo a função de manter o equilíbrio do homem e do mundo. Ainda que em seus rituais receitem ervas e chás de plantas medicinais como medidas complementares, a cura se dá através da palavra.

As benzedeiras são figuras importantes para as comunidades, pois fazem esse trabalho de cuidar e curar através dos sabores tradicionais. Nesse cenário, também temos a figura das parteiras, que são mulheres simples que acolhem as mães e os bebês com amor, cuidando da vida que se iniciava. Podemos observar isso através das palavras de Pinto (2012, p. 208):

> Elas são mães, esposas, avós, comadres, madrinhas e tias, que aprenderam com suas antepassadas a desempenhar afazeres tanto no mundo natural, executando as mais diversificadas formas de trabalho, quanto no plano sobrenatural, benzendo, recitando rezas e invocando encantarias para obter

> ajuda na hora do parto e curar os males do seu povo.

As parteiras sabiam, também, utilizar os remédios caseiros, feitos com plantas e ervas da região, para tratar os pequenos males e aliviar as dores. Era um ciclo de vida e morte, de tradição e fé, que nos ensinavam a valorizar as coisas simples da vida e nos mostrar a força dessas mulheres simples, mas fortes e cruciais para a comunidade, elas são pilares de força, cultura e transformação, seus vários papeis permeiam todos os aspectos da vida comunitária, desde a economia familiar até a preservação das tradições ancestrais.

Sustentam a economia família através da agricultura de subsistência, com trabalho árduo, cultivam a terra, produzem alimentos e geram renda para suas famílias. São verdadeiras provedoras, conciliando as tarefas do campo com os cuidados com os filhos e lares, participam ativamente no grupo da diretoria da comunidade, e buscam a educação como forma de transformação social, inspiram outras mulheres da comunidade a perseguirem seus sonhos, acreditando no poder da educação para superar as desigualdades, conquistar seus direitos e construir um futuro melhor para si e para seus familiares.

As noites na comunidade eram lindas, iluminávamos a noite com a luz das lamparinas, que funcionavam com querosene e pavio de algodão, a luz fraca criava um ambiente mágico e aconchegante. As águas que bebíamos vinham do poço, uma fonte de vida que compartilhávamos com a vizinhança. Essa água era fresca e pura, como a própria natureza que nos cercava, e era armazenada em potes de barro, que a deixavam bem geladas o tempo todo. Segundo Landau (2019, p.119):

> O barro é um material que compõe diversos objetos se mostrando um importante ator na vida dos quilombolas e de pessoas externas às comunidades. São feitas peças como forno, torrador de café, panela, pote, prato, assadeira, forno de assar farinha, bule, xícara, entre outros.

Portanto, na cultura e no cotidiano de quilombolas e outras comunidades, o barro teve papel fundamental. A versatilidade e a importância histórica do barro se revelam na produção de objetos, refletindo a tradição e a sustentabilidade de práticas ancestrais que são ensinadas para a nova geração.

Em 2001, a Fundação Curro Velho, instituição histórica e centro de educação não formal de Belém, trouxe diversos cursos para nossa comunidade. A fundação oferece oficinas de arte e atividades culturais, focando em crianças e adolescentes de escolas públicas e comunidades de baixa renda, como a quilombola de Itacoã Mirim. Participei de vários desses cursos, incluindo os de estamparia em tecidos, iniciação

teatral e teatro de fantoches, mas foi a dança que me marcou profundamente.

Naquela época, participei do grupo de dança afro-zambi, formado por jovens da comunidade. Sob a orientação de um talentoso professor, mergulhamos no universo da dança afro, aprendendo passos e ritmos ancestrais ao som de tambores, reco-recos e outros instrumentos. Os ensaios eram momentos vibrantes de energia, ritmo e expressão, onde cada movimento contava a história da nossa cultura. O nome do grupo, Afro-Zambi, unia a referência à cultura africana com a palavra quimbundo para “Deus” ou divindade suprema, simbolizando a força e a espiritualidade presentes em cada apresentação.

Para as apresentações, criávamos as nossas próprias roupas: sutiãs de casca de coco e saias de palha, materiais totalmente naturais. Participar do grupo foi muito bom, pois saímos da comunidade para nos apresentar em diversos locais de Belém, compartilhando a nossa arte com o público. As apresentações eram cheias de emoções, expressávamo-nos com o corpo e com a alma. O grupo de dança foi muito mais que diversão, foi uma forma de expressar a nossa identidade e ancestralidade, afirmando nossa cultura, contra o preconceito e a invisibilidade, foi um ato de resistência coletiva, pena que com o tempo, o grupo se desfez, porque a maioria dos jovens se mudou para Belém para dar continuidade aos estudos.

Itacoã Mirim é o lugar que me viu crescer, aprendendo sobre família, comunidade e tradição, as lembranças da infância ali vivida permanecem presentes, impulsionando-me a perseverar e a compartilhar a história e a cultura da minha comunidade. Com seus desafios e conquistas, a experiência em Itacoã Miri moldou minha identidade e me forneceu a base para o meu trabalho futuro, que busca valorizar a riqueza cultural e a resiliência do nosso povo, a força e a esperança que carrego são frutos dessa trajetória.

2.2 A Infância em Itacoã

Nasci em 30 de outubro de 1989 no quilombo Santa Maria de Itacoã Miri, onde cresci sob os cuidados amorosos e rígidos de meus avós Carmen e João. Sou a segunda filha de Maria Eremita Galiza da Silva, uma mãe solo que, após ter três filhos sem a presença dos pais, casou-se e nos deixou aos cuidados dos meus avós maternos.

A minha infância foi marcada pelo trabalho na roça, ajudando meus avós em

suas plantações. Trabalhar na roça desde criança, plantando mandioca e milho, não era só uma brincadeira, era trabalho pesado sob o sol escaldante. Isso me ensinou a força do trabalho coletivo e a dureza da pobreza, vi muitas vezes outras crianças na mesma situação, sem tempo para brincar, sem acesso à educação adequada, essa experiência, tão comum para muitos na minha comunidade, revela a falta de oportunidades e a exploração do trabalho infantil, que são características de estruturas sociais injustas. Essa realidade é marcada pela desigualdade e pela falta de acesso a direitos básicos.

Essa experiência moldou profundamente minha visão de mundo e reforçou a importância da luta por justiça social e igualdade de oportunidades para todos, especialmente para as crianças e jovens em comunidades vulneráveis como a minha. A vivência na roça, embora árdua, ensinou-me sobre resiliência, colaboração e a importância da união comunitária para superar as adversidades. A falta de acesso à educação formal, por outro lado, me impulsionou a buscar conhecimento por outros meios, valorizando a sabedoria transmitida pelas gerações mais velhas e a importância da educação como ferramenta de transformação social.

A constatação da injustiça social, presenciada desde a infância, tornou-se um combustível para minha trajetória acadêmica e para o meu compromisso com a construção de um futuro mais justo. Quando se discute sobre o trabalho infantil, faz-se necessário o entendimento de como ele acontece e está presente em nossa realidade. Segundo Dias (2006, p.21):

> Todavia a pobreza é a maior causa do trabalho infantil tomando o rendimento auferido pelas crianças essencial para a sua sobrevivência e a do seu agregado familiar, não pode, igualmente, deixar de se referir que a desadequação ou a fraqueza dos sistemas nacionais de educação contribuem para perpetuar a situação.

Meus avós maternos, pais de oito filhos, acolheram e criaram nove netos, inclusive eu. A morte de meu avô, quando eu tinha cerca de oito anos de idade, impôs à minha avó a responsabilidade de cuidar de todos sozinha. Apesar das dificuldades imensas, ela se mostrou uma mulher forte e resiliente, superando os desafios com Fé e determinação. Sua força e devoção foram fundamentais na minha vida, representando tudo para mim.

Figura 2- A infância em Itacoã



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A fase da infância foi marcada pelo amor incondicional da minha avó materna, um carinho que guardo para sempre no coração. Recordo-me das brincadeiras de pira pega, taco, peteca e de jogar bola com os meus primos(as), dos banhos de igarapé, das risadas, das festas que tinham em nossa comunidade, dos torneios de futebol, etc. Época boa, que nos mostrava que não precisávamos de muita coisa para nos divertir. Ali, cresci cercada de amor e aprendizado, sentindo-me profundamente grata por essa fase.

A minha jornada educacional começou em 1997, em uma humilde escola municipal, chamada Odineia Alves, no município de Acará, a escola da minha comunidade refletia a pobreza da região. A falta de recursos, as salas deterioradas e os materiais improvisados mostravam o descaso com a educação das crianças quilombolas, a precariedade da estrutura física era apenas um sintoma de um problema maior, a falta de investimento e de políticas públicas eficazes para garantir o direito à educação de qualidade para a população rural e, em particular, para as comunidades quilombolas.

A dificuldade de acesso à educação de qualidade não é apenas uma questão de falta de escolas, é uma questão estrutural, que envolve a falta de transporte adequado, a distância entre as escolas e as comunidades, a falta de professores qualificados e a ausência de recursos pedagógicos apropriados, o transporte escolar precário, por exemplo, representava um obstáculo significativo para a frequência escolar regular. Comparando a minha escola com escolas em bairros ricos de Belém, percebi com clareza a enorme desigualdade de oportunidades, a diferença na infraestrutura, nos recursos disponíveis e na qualidade do ensino.

Dessa forma, expondo a profunda injustiça social que afeta o acesso à educação no Brasil, essa diferença reforça a necessidade de políticas públicas mais justas que garantam o acesso à educação de qualidade para todas as crianças, independentemente de sua origem social ou localização geográfica. A experiência naquela escola me marcou profundamente e impulsionou meu desejo de contribuir para a transformação da realidade educacional das comunidades quilombolas e com a luta por uma educação inclusiva e de qualidade para todos.

Minhas professoras de infância, Antônia Holles, Fátima Barros e Socorro Monteiro foram mais que educadoras, foram figuras importantes na construção da minha personalidade e no meu desenvolvimento como indivíduo. A gratidão que sinto por elas é imensa, pois foram elas que plantaram a semente do aprendizado que floresce em mim até hoje, cada uma delas deixou sua marca especial na minha trajetória, contribuindo para que eu me tornasse a pessoa que sou.

Elas me incentivavam a participar das apresentações festivas na escola, lembro-me da apresentação do Dia das Mães, na qual cantei uma canção que ecoa em minha memória até hoje. Foi um momento inesquecível que me encheu de orgulho e superou qualquer constrangimento que eu viesse a sentir.

A partir disso, na disciplina de infância e educação ofertada na universidade, pude compreender que a infância tem características que revelam como ocorre o seu processo de desenvolvimento e aquisição de conhecimento. De acordo com Vygotsky (2007, p.58), na educação infantil:

> A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente.

Após um período em que a escola antiga ameaçou ruir, e as aulas foram improvisadas em um barracão comunitário. Após isso, uma nova escola foi construída, frequentei-a até a quarta série, mas a falta de ensino fundamental completo na minha comunidade levou-me à E.M.E.I.F. Boa Vista I, localizada na comunidade vizinha de Boa Vista, que oferecia ensino infantil, fundamental (anos iniciais e finais) nas modalidades regular e EJA (Educação de Jovens e Adultos), sendo uma escola pública vinculada à prefeitura do Acará.

A minha avó Carmen, uma guerreira incansável, enfrentou filas para garantir minha vaga, um ato de amor e determinação que jamais esquecerei. O meu transporte escolar era um barco, o “Zumbizinho”, que muitas vezes nos deixava à mercê da maré. Entretanto, o Comandante Paulo sempre encontrava um jeito de nos levar em segurança, pois o transporte é importante para que os estudantes frequentem as aulas. Sendo assim, Carmo et al (2020, p.04) nos diz que:

> O transporte escolar na Amazônia tornou- se, nos últimos anos, condição para que estudantes de escolas ribeirinhas pudessem acessar a escola. Implementado a partir dos anos de 1990 pelo governo federal por meio do FNDE para atender, no início, a alunos dos anos finais do ensino fundamental das escolas do campo como estratégia de reduzir a evasão escolar e, gradativamente, ampliou- se para atender todos os alunos da educação básica.

Mesmo assim, a alegria de estudar se contrastava com as dificuldades de chegar à escola, como problemas no barco ou com a maré que atrapalhava mais um dia de aula. Lembro-me dos dias de aula com chuva, onde protegíamos os nossos cadernos da umidade colocando-os embaixo de nossas camisas. Todos esses desafios não tiraram a minha vontade de estudar, de ter uma profissão, de realizar o meu sonho de infância, mas me motivaram a seguir em frente e a construir um futuro melhor para mim e para a minha família.

2.3 Desafios e Resistência

A Escola Boa Vista era um universo novo: várias salas, professores e disciplinas, um contraste com a sala única e seriada que eu conhecia. As dificuldades iniciais em português e matemática, provavelmente agravadas pela falta de recursos pedagógicos adequados na escola de minha comunidade, levaram-me a enfrentar um desafio adicional, a necessidade de adaptação a métodos e conteúdos diferentes daqueles com os quais eu estava familiarizada.

Essa nova realidade exigiu uma estratégia de aprendizagem autônoma. A ajuda dos meus amigos, que compartilhavam seus conhecimentos e me ofereciam apoio emocional, foi fundamental para a minha perseverança e superação desse desafio, demonstrando a importância das redes de apoio na educação de crianças em situação de vulnerabilidade.

Lembro-me de ir à escola com roupas doadas e sandálias improvisadas, pois minha avó, a única provedora da família, precisava escolher entre comida e roupas novas. Um dia, sem almoço, desmaiei na escola, o que não foi só um momento de

fraqueza, foi um retrato doloroso da insegurança alimentar e da pobreza que afeta muitas famílias quilombolas, um retrato da desigualdade, da nossa falta de acesso aos recursos básicos, e do descaso da sociedade que, muitas vezes, faz-se de cega para nossa realidade.

Essa experiência expõe a fragilidade de um sistema que falha em garantir o direito fundamental à alimentação. A falta de acesso a alimentos nutritivos não é um evento isolado, mas uma consequência direta da pobreza estrutural e da falta de políticas públicas eficazes para combater a fome e a insegurança alimentar, especialmente em comunidades vulneráveis, como as quilombolas. O desmaio na escola simboliza a falência de um sistema que ignora as necessidades básicas de uma parcela significativa da população.

A dependência da merenda escolar para a nutrição de muitas crianças demonstra a urgência de políticas públicas mais rígidas, que garantam o acesso a alimentos saudáveis e de qualidade para todas as crianças, independentemente de sua condição socioeconômica. A invisibilidade de nossa realidade reforça a necessidade de ações concretas para enfrentar a fome e a pobreza, garantindo o direito à alimentação como um pilar fundamental para o desenvolvimento e o bem-estar de todos.

A cena de uma criança desmaiada por fome não é apenas um evento isolado, mas um grito silencioso por justiça social e por um futuro onde todas as crianças tenham a oportunidade de crescer saudáveis e fortes. Nesse sentido, a responsabilidade é coletiva: as famílias, escolas, sociedade e governo precisam se engajar para que essa situação não se repita. A negligência nesse aspecto é inaceitável e precisa ser combatida com urgência.

Muitas crianças passam por situações de insegurança alimentar, fato frequente nas escolas de comunidade carentes, nas quais, muitas vezes, a merenda escolar é a única oportunidade dessa criança se alimentar. Nesse sentido, para Pinheiro; Gama (2023, p, 102) “De fato, a merenda é de extrema importância para os discentes, visto que a alimentação no ambiente escolar é para muitos uma fonte nutricional primordial.”

Mesmo assim, passar por essa experiência não tirou a minha sede pelo conhecimento e sempre me impulsionou. Foram momentos de extrema dificuldades, mas encontrei forças para superar todos os obstáculos. Penso que a educação, apesar de todos os desafios, pode ser a chave para um futuro melhor.

Aos 14 anos, mudei-me para a casa da minha avó paterna, Leonila Gouveia, acolhida pelo meu tio Rosenildo, minha prima Soraia e minhas tias Eunice, Katia, Sandra e Rosemery. Ali fui tratada com todo amor e carinho do mundo.

2.4 A Vida na Capital e o Início de um Novo Ciclo

Aos 17 anos, com ensino fundamental concluído, fui morar com meu tio Rosemiro e a família dele em Belém. Chegar a Belém foi como cair de paraquedas em um mundo completamente diferente. A cidade grande me mostrou a desigualdade social de outra maneira, vi a falta de saneamento básico em algumas áreas e como a pobreza é diferente da que eu conhecia na minha comunidade. Percebi que a pobreza urbana apresentava outras facetas, outras formas de sofrimento e exclusão. Além disso, senti o racismo de forma mais explícita em certas situações, uma experiência difícil que me marcou bastante.

Encontrei formas sutis e abertas de preconceito que não eram tão evidentes na minha comunidade rural. Essa migração para a cidade expõe a exclusão social e as dificuldades de adaptação de quem sai da zona rural e se depara com a realidade urbana, repleta de desafios e discriminação. A falta de familiaridade com o ritmo frenético da cidade, a competição por recursos e a exposição a novas formas de violência e preconceito foram alguns dos obstáculos que enfrentei. Essa experiência me ensinou a importância da resiliência, da construção de novas redes de apoio e da necessidade de lutar contra as desigualdades sociais e o racismo estrutural, fatores que permeiam a vida urbana.

A adaptação exigiu uma constante reavaliação de minhas estratégias de sobrevivência e a busca por novas formas de pertencimento e inserção social. A cidade, apesar dos desafios, também me ofereceu novas oportunidades de crescimento pessoal e profissional, fortalecendo minha determinação em construir um futuro mais justo e igualitário.

Fui bem recebida na casa do meu tio, construí laços profundos, considerando-os minha segunda família, que me acolheram com muito carinho e me ajudaram bastante, sempre serei grata por tudo. Após a mudança, passei a estudar na Escola Estadual Zacarias de Assunção, no bairro do Guamá, onde era tudo muito diferente do que eu estava acostumada e a adaptação não foi fácil. Nessa escola, tive ótimos professores, mas também tinha alguns com quem não me dei bem e, por isso, não

tive uma boa convivência.

Nessa escola, havia um professor de geografia que, na minha opinião, não tinha uma boa didática, pois não conseguia explicar o conteúdo com clareza, não tinha paciência com os alunos e as provas dele não cobravam o conteúdo que era ministrado em suas aulas. Nesse sentido, Libâneo (2002, p.04) afirma que:

> Há diversos tipos de professores, os mais tradicionais contentam-se em transmitir a matéria que está no livro didático, por meio de aulas expositivas, é o estilo professor transmissor de conteúdo, suas aulas são sempre iguais, o método de ensino é quase o mesmo para todas as matérias, independentemente da idade e das características individuais e sociais dos alunos.

Como nos mostra o autor, o fato do professor ter uma prática tradicional, evidência uma ação meramente repetitiva, a partir disso, entende-se que esse professor pode ser tornar um mero transmissor de conteúdo. Conforme Libâneo (2002), isso caracteriza-se pela transmissão direta do conteúdo do livro didático por meio de aulas expositivas, sem adaptação às necessidades individuais e sociais dos alunos, nem variação de métodos entre diferentes matérias ou faixas etárias. Essa abordagem pedagógica, apesar de sua ampla adoção, demonstra-se limitada pela falta de flexibilidade e consideração das particularidades do processo de aprendizagem.

Essa falta de didática desse professor me motivou a pedir ao meu tio para mudar de escola. Ele, então, me matriculou na Escola Estadual Dr. Ulisses Guimarães, no bairro de Nazaré. Na nova escola, fiz amizades incríveis com: Ariane Suzy, Julia Peixoto, Jéssica Corrêa, Rafaela Canosa e Nayara Avelar, que foram fundamentais para mim durante todo o ensino médio, me apoiando em todos os momentos.

A partir disso, pude observar as grandes diferenças que existiam entre a escola da comunidade em Itacoã Miri e as escolas em Belém, pois na escola da comunidade, possuíamos pouquíssimos recursos, salas improvisadas e, muitas vezes, faltava até material escolar. Apesar disso, a escola era nossa, um espaço acolhedor onde nos sentíamos seguros e pertencentes. Além disso, as professoras conheciam a nossa realidade, adaptavam o conteúdo para se conectar com as nossas vivências e a nossa cultura, aprendíamos de forma mais prática e coletiva, tudo muito ligado à nossa rotina.

Em Belém, as escolas eram bem diferentes, eram grandes, estruturadas, salas novas e cheias de materiais, havia uma quantidade enorme de alunos, tinham um

ritmo mais acelerado e um sistema de avaliação mais formalizado. No começo, senti-me perdida, não conhecia ninguém, deparei-me com uma rotina e métodos bem diferentes do que eu estava acostumada, então precisei me adaptar a uma nova dinâmica, a um novo jeito de aprender.

Frequentar as escolas de Belém, permitiu-me ter acesso a mais ferramentas de ensino e a novos conhecimentos, abrindo portas para um futuro que eu não imaginava ser possível. Por outro lado, também me fez sentir saudade da acolhida e da conexão com a cultura da minha comunidade que a escola de Itacoã Miri proporcionava. Essa experiência como um todo foi transformadora, pois me ensinou a valorizar ainda mais a cultura e a educação da comunidade e também me motivou a buscar novas oportunidades e novos conhecimentos.

A perda da minha avó materna, a figura central da minha infância, foi devastadora, pois senti-me culpada, perdida e vazia, chegando a pensar em tirar a minha própria vida, mas, aos poucos, fui entendendo esses sentimentos. Nesse sentido, Franco et al. (2007, *apud* Leandro; Freitas, 2015, p.70) afirmam que:

> O luto pela perda de uma pessoa amada é a experiência mais universal e, ao mesmo tempo, mais desorganizadora e assustadora que vive o ser humano. O sentido dado à vida é repensado, as relações são refeitas a partir de uma avaliação de seu significado, a identidade pessoal se transforma. Nada mais é como costumava ser. E ainda assim há vida no luto, há esperança de transformação, de recomeço. Porque há um tempo de chegar e um tempo de partir, a vida é feita de pequenos e grandes lutos, através dos quais, o ser humano se dá conta de sua condição de ser mortal.

A lembrança dos conselhos dela e a certeza de que atentar contra a própria vida não nos leva ao céu me impediram de seguir por esse caminho. Além disso, certo dia recebi a visita do meu tio Rosenildo, que foi fundamental e consoladora, pois, ao ver meu estado de profundo sofrimento, ele me confortou, dizendo que a minha tristeza impedia a alma da minha avó de descansar e aquela conversa mudou tudo.

Segundo Barbosa; Rodrigues (2002, p.16) “Quando uma pessoa sofre uma perda ela manifesta uma série de alterações em sua rotina de vida, em seu estado emocional, cognitivo, social e psicológico.” Após essa conversa, acalmei meu coração e busquei seguir em frente, dedicada a honrar a sua memória e a mantê-la sempre feliz em meu coração.

Por fim, em 2009 consegui concluir o ensino médio junto com as minhas amigas. Cada uma seguiu seu caminho, mas a amizade que construímos permanece viva em meu coração até hoje. Guardo com carinho a lembrança desse período tão

importante da minha vida.

Em 2010, aos 20 anos, a separação dos meus tios abalou o meu mundo, ameaçando a família que tanto me acolhera. Foi nesse momento difícil que encontrei meu esposo, João Júnior, começamos a construir nossas vidas juntos, temos três filhos: Flávia Johhany, João Felipe e nossa caçula, Maria Flor. Hoje, celebramos 15 anos de companheirismo, uma união que desejo que dure para sempre.

3 A DECISÃO DE CURSAR O ENSINO SUPERIOR

A decisão de fazer o Processo Seletivo especial (PSE), foi a realização de um sonho e um novo desafio na minha caminhada acadêmica, pois me dividia entre os cuidados com a minha família e os estudos. Porém, nada me tirou o desejo de ter um curso superior.

Ser mãe, esposa e estudante universitária simultaneamente é um ato de equilíbrio delicado, exigindo força, resiliência e organização, é uma jornada repleta de desafios, mas também de recompensas inigualáveis. A cada dia, enfrento a difícil tarefa de conciliar as demandas da maternidade, as responsabilidades conjugais e a busca pelo conhecimento acadêmico. A exaustão física e mental é uma constante, mas a motivação e a determinação me impulsionaram adiante. Preciso aprender a delegar tarefas, a pedir ajuda quando necessário e a priorizar minhas atividades, sem me culpar por não conseguir fazer tudo perfeitamente.

No entanto, a satisfação de alcançar meus objetivos, tanto pessoais quanto profissionais, me recompensam pelo esforço contínuo, a alegria de ver meus filhos crescerem e o amor compartilhado com meu esposo, são combustíveis que alimentam minha jornada. Preciso de força e determinação para superar limites e construir um futuro melhor para mim e para minha família. Preciso conciliar diferentes papéis na vida, mostrando que é possível sonhar grande e alcançar meus objetivos, mesmo diante de inúmeras dificuldades.

A espera ansiosa pelo resultado da prova do PSE refletia não apenas a minha vontade pessoal de prosseguir nos estudos, mas também a minha responsabilidade para com a minha família e a comunidade. A possibilidade de acesso ao ensino superior representava uma oportunidade de ascensão social e um meio de contribuir para o desenvolvimento da minha comunidade, o que tornava a ansiedade ainda mais intensa. A incerteza do resultado, somada às dificuldades financeiras e familiares,

acentuava a pressão e a necessidade de obter sucesso nessa etapa fundamental da minha trajetória.

A educação esteve presente ao longo de toda a minha trajetória, pois sempre a vi como um caminho para mudar de vida e contribuir para fortalecer a minha comunidade, mostrando a cultura e a sua história para as novas gerações. Além disso, dar um futuro mais digno para a minha família, contribuindo para divulgar cada vez mais sobre a cultura quilombola.

3.1 Trajetória Acadêmica

Iniciar uma nova jornada acadêmica foi um grande desafio entre cuidados com os meus filhos e as longas jornadas de estudo. Foram três tentativas frustradas no Processo Seletivo Especial, mas, em 2019, tentei pela a quarta vez e fui aprovada no curso de licenciatura em Letras-Francês. Passar nesse processo foi uma vitória, mas também uma prova de quanto trabalho ainda temos pela frente. O Processo Seletivo Especial é uma conquista, mas ele mostra a necessidade de políticas afirmativas para garantir o acesso de estudantes quilombolas e indígenas ao ensino superior, para garantir que os meus sonhos e os sonhos de milhares de jovens como eu se tornem realidade.

A aprovação neste processo representa um passo importante na luta pela igualdade de oportunidades, mas não elimina os desafios que enfrentamos ao longo da jornada acadêmica. A permanência no ensino superior exige apoio financeiro, acompanhamento pedagógico e a criação de um ambiente acolhedor e inclusivo, que valorize a diversidade e combata o racismo e o preconceito. A conquista do acesso ao ensino superior é apenas o começo de uma longa caminhada em busca de um futuro mais justo e igualitário.

Nesse sentido, é preciso fortalecer as políticas afirmativas, ampliar o investimento na educação e garantir que todos os estudantes, independentemente de sua origem social ou étnico-racial, tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento e sucesso. A luta pela educação é uma luta por justiça social e pela construção de um país mais democrático e igual.

> O Processo Seletivo Especial é destinado à seleção diferenciada para candidatos(as) Indígenas e Quilombolas, que não realizaram ou iniciaram curso de graduação e que se encontrem em condições de vulnerabilidade econômica, social e educacional. (PORTAL DA UFPA, 2025)

Infelizmente, a celebração durou pouco, pois a pandemia da covid-19 trouxe

um novo desafio, as aulas online e o francês. A dificuldade de acesso à internet de qualidade, ao computador e a um ambiente adequado para estudo prejudicou o meu aprendizado. As aulas eram muito longas para acompanhar com a internet pré-paga, tornando necessário o acesso a um *wifi* com boa conexão. Além disso tudo, tive muita dificuldade de falar a língua estrangeira. Esses fatores me fizeram mudar de rumo e seguir em direção ao curso de licenciatura em Pedagogia, pois o meu sonho de infância me esperava.

Em 2021, decidi fazer o processo seletivo à mobilidade acadêmica afirmativa (MobaF) — um programa da Universidade Federal do Pará, voltado aos estudantes indígenas e quilombolas, que contribui para a permanência na universidade ao oferecer oportunidades de mobilidade e apoio financeiro, ajudando esses estudantes a superar barreiras que enfrentam. Ao facilitar a mobilidade e proporcionar suporte, esta política afirmativa ajuda a reduzir a evasão estudantil, especialmente entre aqueles que enfrentam dificuldades financeiras e sociais.

> O Processo Seletivo à Mobilidade Acadêmica Afirmativa é destinado exclusivamente a alunos dos cursos de graduação da UFPA cujo ingresso ocorreu através de Processo Seletivo Especial (PSE), destinado à seleção diferenciada de candidatos Indígenas e Quilombolas. (PORTAL DA UFPA, 2025)

Minha prima Soraia me alertou que era o último dia de inscrições, e apesar da internet precária do interior, consegui realizar a minha inscrição no programa a noite. Então, confirmei a minha inscrição na prova, mas logo me deparei com um dilema: como faria a prova com uma bebê de apenas 3 meses e com uma pandemia em curso? Mas me acalmei e tive o apoio da minha família e da minha prima Soraia, que me ajudou a cuidar da minha querida Maria Flor.

No dia da prova, deixei Maria Flor com ela, realizei o teste, voltei para o sítio e encontrei minha princesa dormindo. O apoio da família é indispensável para que uma mãe permaneça na universidade, a solidariedade e a cooperação familiar são, portanto, fatores determinantes para o sucesso dessa empreitada.

Foi então que fui aprovada no processo seletivo à mobilidade acadêmica afirmativa, o que me permitiu deixar o curso de Francês e seguir meu verdadeiro sonho: a Pedagogia. Essa mudança representou não apenas a realização de um desejo profundo, mas também o início de uma grande batalha que eu sabia que teria pela frente.

Ingressar na Pedagogia significava mais do que apenas estudar; era uma

oportunidade de me conectar com a educação de forma significativa e impactar a vida de outras pessoas. Eu estava determinada a enfrentar os desafios que viriam, ciente de que a jornada seria repleta de aprendizados e superações, através desta política afirmativa, consegui uma nova chance acadêmica e essa experiência me motivou a lutar ainda mais pela educação inclusiva e pela valorização da cultura afro-brasileira, elementos que considero essenciais para a formação de um educador comprometido com a transformação social.

Agora, com a Pedagogia ao meu alcance, sinto que estou mais próxima de realizar meu sonho de contribuir para uma educação que respeite e celebre a diversidade, preparando-me para ser uma agente de mudança em minha comunidade.

Em 2021, a busca por tranquilidade e saúde levou minha família a trocar a cidade grande pelo campo. Meu esposo, João Júnior, membro da comunidade quilombola de Guajará Mirim, em Acará/PA, sempre sonhou com essa mudança para nós e era tudo o que eu queria. Guajará Mirim e a vizinha Itacoã Mirim são comunidades irmãs, indistinguíveis em sua essência.

Retornamos em busca de uma melhor qualidade de vida, pois o nosso filho mais velho, João Felipe, de 8 anos é asmático, sofria com internações frequentes e a mudança para o interior trouxe alívio significativo. Após a mudança, ele precisou de apenas uma internação, infelizmente, durante essa internação, nossa filha caçula, Maria Flor, adoeceu e passei quinze dias no hospital com ambas as crianças.

Esse período desafiador testou minha resiliência, especialmente com os estudos da faculdade, pensei em trancar o curso para dedicar mais tempo aos meus filhos. Porém, decidi seguir em frente, mesmo diante de tamanha adversidade. Essa experiência reforçou a importância da nossa decisão, mostrando os benefícios da vida mais calma e próxima à natureza para a saúde da nossa família.

As comunidades acolhedoras também desempenharam um papel fundamental nesse processo de adaptação e superação, me permitindo finalmente dedicar tempo para os estudos e realizar o meu grande sonho de ter o ensino superior.

3.2 Desafios e Conquistas na Academia

A faculdade se tornou um novo desafio em minha vida, ser mãe e estudante universitária foi uma luta diária contra o tempo, a exaustão e um sistema que, claramente, não foi feito para as mães. A jornada exigiu uma organização impecável

para conciliar responsabilidades familiares, acadêmicas e, muitas vezes, profissionais, tudo isso sem o apoio adequado que muitas mães necessitam. Minha experiência reflete a realidade de milhares de mães estudantes que enfrentam diariamente o desafio de conciliar trabalho, casa e estudo, lutando contra as adversidades, a falta de creches acessíveis e de auxílio financeiro para famílias de baixa renda tornam essa jornada ainda mais árdua e complexa.

A ausência de políticas públicas que reconheçam e apoiem as necessidades específicas das mães estudantes contribui para a exclusão e para a dificuldade de muitas mulheres em concluir seus estudos. A falta de suporte impacta não apenas a vida acadêmica dessas mulheres, mas também seu bem-estar físico e mental, a jornada exige resiliência, criatividade e uma rede de apoio sólida.

A necessidade de políticas públicas específicas amplia as dificuldades e as desigualdades, é fundamental que o sistema de ensino superior se adapte às necessidades das mães, oferecendo suporte adequado, como creches, bolsas auxílio e flexibilidade nos horários de aulas, para que elas possam, de fato, ter acesso à educação e construir um futuro melhor para si e para suas famílias. A superação dessas adversidades exige não apenas esforço individual, mas também uma mudança estrutural que garanta a igualdade de oportunidades para todas as mulheres.

A rotina de estudante universitária e com Maria Flor, de apenas seis meses, era um desafio constante, levá-la às aulas parecia insustentável, mas a ajuda inestimável de Débora Galiza, uma colega que acredito ser familiar, foi fundamental. As aulas eram difíceis, fator acentuado pela falta de concentração causada pelo choro de Maria Flor, ocasionado pelo calor e pela longa espera pela lancha que fazia nossa travessia até a comunidade, às 13h30. Foram tempos difíceis, superados graças ao apoio da minha irmã Tália e, posteriormente, da minha mãe, que dividiram os cuidados com a bebê, permitindo-me me dedicar aos estudos.

Para tentar explicar como a maternidade e a vida acadêmica se cruzaram na minha trajetória, dividirei em dois momentos, no primeiro momento falarei sobre a maternidade: três filhos, Flávia, João Felipe e Maria Flor, cada um, um presente imenso, um amor que me transforma a cada dia. Porém, a maternidade não é só flores, é um turbilhão de emoções, de desafios constantes, são noites mal dormidas, fraldas, choro e aquele cansaço físico que só sente quem vive. Porém, também é um

mar de alegria, de descobertas, de um amor incondicional que me faz superar qualquer obstáculo que possa surgir.

No segundo momento, relatarei sobre a vida acadêmica: sempre sonhei em estudar, ter um diploma e me formar em uma universidade, mas parecia um sonho distante. Com três filhos e dificuldades financeiras, a faculdade me proporcionou momentos incríveis, aprendi muito, fiz amizades que quero levar para a vida toda — Danielle Pereira, Debora Galiza, Elcilene Silva, Maria Eduarda, Marcia Góes, Rayanne Magno e Rutileia Maciel, essas meninas, não imaginam o quanto elas representam em minha vida—, além de, claro, conquistar o meu diploma.

A jornada acadêmica também é um processo de aprendizado e resiliência, o desafio de conciliar os estudos, o cuidado com os filhos e as responsabilidades do dia a dia me fizeram aprender a me organizar, a ser mais eficiente e a otimizar meu tempo. Como a educação fez parte da minha trajetória, tanto na infância quanto na vida adulta, é claro que a maternidade e a vida acadêmica se influenciaram mutuamente, uma alimentou a outra.

A maternidade me ensinou a ter paciência, a ser mais perseverante, a ter empatia, a lidar com as adversidades com mais sabedoria, e a vida acadêmica me deu ferramentas para ser uma mãe mais consciente, para construir um futuro melhor para os meus filhos, um futuro com mais igualdade e oportunidades.

Com planejamento, apoio familiar e muita determinação, consegui conciliar maternidade e vida acadêmica, construindo uma trajetória significativa. O suporte da minha família foi fundamental para superar as dificuldades iniciais, reduzindo as faltas e melhorando meu desempenho acadêmico. Apesar disso, as dificuldades financeiras persistiram, principalmente no início, antes de conseguir uma bolsa.

A necessidade de arcar com as despesas de transporte para a universidade me levou a uma situação inesperada: uma professora arrecadou fundos em sala de aula para ajudar a mim e a minha amiga Rutileia. No fim, essa professora tornou-se minha orientadora de TCC, demonstrando a solidariedade e o apoio que podem transformar a realidade de estudantes em situação vulnerável.

Os desafios foram muitos, porém obtive muitas conquistas, como: os conhecimentos adquiridos, algo que ninguém poderá tirar de mim; as amizades que levarei para toda vida e meu diploma, algo que não imaginava conquistar, foi cansativo, mas tudo deu certo.

Dois professores, a de Didática e o de Psicologia, foram essenciais para me ajudar a refletir sobre minha trajetória. Em sala de aula, eles exibiram o filme "Escritores da Liberdade", uma história inspiradora sobre a importância da educação, da empatia e da esperança. Essa experiência mostrou como professores dedicados podem transformar vidas e construir um futuro melhor, mesmo em situações desafiadoras.

A vivência de realizar os estágios na minha comunidade foi transformadora. Retornar à escola onde estudei, mas agora do outro lado, como "professora Fernanda", foi profundamente gratificante. O sentimento de realização foi imenso e ouvir os alunos me chamarem pelo meu novo título aqueceu meu coração. Poder contribuir para a educação da comunidade que me acolheu, aplicando o conhecimento adquirido na universidade, consolidou a certeza de que todo o esforço e sacrifício valeram a pena.

Essa experiência superou minhas expectativas e me confirmou na escolha da profissão, fortalecendo meu compromisso com a educação e o desenvolvimento da minha comunidade. A jornada foi desafiadora, mas a recompensa de ver o impacto positivo do meu trabalho na vida dos alunos é uma motivação inestimável para seguir em frente.

Na disciplina de estágio, pude observar, com Lima e Pimenta (2006, p.21), que a prática pedagógica pode contribuir com a formação do profissional. Nesses termos, as autoras afirmam que:

> Assim, o estágio prepara para um trabalho docente coletivo, uma vez que o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais. Pode-se, ainda, pensar o estágio em propostas que concebem o percurso formativo, alternando os momentos de formação dos estudantes na universidade e no campo de estágio.

A rotina era exaustiva: madrugadas, despedidas dos filhos e do esposo, dias inteiros fora de casa e o retorno apenas à noite, exausta. Porém, a cada dia, a sensação de propósito se fortalecia, a certeza de que todo o esforço, todo o tempo longe da minha família, estava me aproximando de um sonho valioso, um sonho compartilhado e impulsionado por muitas pessoas, principalmente pelos meus queridos filhos, que sempre me dão forças para seguir em frente.

À equipe da Escola Francisco Pinto, professores e funcionários, expresso minha mais profunda gratidão. O apoio, a compreensão e a colaboração de todos

vocês foram fundamentais para a realização do meu estágio e para o meu crescimento profissional, a experiência na escola foi enriquecedora e inesquecível, e isso se deve, em grande parte, ao ambiente acolhedor e ao profissionalismo de cada membro da equipe. Agradeço imensamente a oportunidade de ter aprendido e contribuído com a escola, e trago comigo a lembrança de momentos especiais e a certeza de ter encontrado um ambiente de trabalho inspirador.

3.3 Contribuição da Academia para a Comunidade

Minha formação em Pedagogia transcende o meu crescimento pessoal, é um compromisso com a transformação educacional na minha comunidade. Nesse sentido, pretendo criar currículos que valorizem profundamente nossa cultura e que revelem a riqueza do conhecimento ancestral quilombola, resgatando-o e integrando-o ao processo de ensino-aprendizagem.

Utilizarei todo o conhecimento adquirido para garantir que os alunos recebam uma educação inclusiva, que os fortaleça não apenas academicamente, mas também emocionalmente e socialmente, preparando-os para superar as adversidades e se tornarem agentes de mudança em suas próprias vidas e na comunidade. Acredito em uma educação que reconheça e celebre a diversidade, promovendo a igualdade de oportunidades e o desenvolvimento pleno de cada indivíduo. Esse é o meu propósito e a minha contribuição para um futuro mais justo e igual para todos.

Na disciplina de currículo ofertada no primeiro semestre letivo, pude aprender com Silva (2000, p. 151-p.152) que o currículo é uma construção social capaz de garantir a permanência da cultura daquele povo e que é necessário observar as demandas daquele grupo social, adaptando o currículo a sua realidade:

> Ao questionar alguns dos pressupostos da teoria crítica de currículo, a teoria pós-crítica introduz um claro elemento de tensão no centro mesmo da teorização crítica. Sendo "pós", ela não é, entretanto, simplesmente superação. Na teoria do currículo, assim como ocorre na teoria social mais geral, a teoria pós-crítica deve se combinar com a teoria crítica para nos ajudar a compreender os processos pelos quais, através de relações de poder e controle, nos tornamos aquilo que somos. Ambas nos ensinaram, de diferentes formas, que o currículo é uma questão de saber, identidade e poder.

Essa disciplina foi bastante eficaz, fez com que eu compreendesse que preciso considerar o contexto social e cultural no qual a escola está inserida, que as práticas pedagógicas precisam ser adaptadas com as necessidades e características de cada aluno, pois isso garante uma educação mais inclusiva e relevante. Tive a oportunidade

de aprofundar meus conhecimentos sobre a educação no campo na disciplina Gestão Educacional, um enfoque que transformou minha perspectiva como futura pedagoga. Compreendi como a pedagogia deve ser adaptada às realidades rurais e quilombolas, valorizando saberes tradicionais, ciclos agrícolas e organização comunitária.

Percebi a importância de currículos flexíveis, que integrem temas como cultura local e direitos territoriais. Essa disciplina me mostrou que gerenciar uma escola no campo ou em territórios quilombolas exige mais que administração burocrática, demanda sensibilidade cultural, articulação política e criatividade para superar lacunas estruturais.

Hoje, vejo a gestão como uma ferramenta potente para garantir direitos educacionais e fortalecer cada vez mais minha comunidade. De acordo com Andrade (2012, p.47):

> Portanto, valorizar os saberes cotidianos na comunidade quilombola significa, em certos momentos, promover a horizontalização das relações, de forma rizomática, entre os diversos saberes, a partir do ponto em que reconhecemos em todos incompletudes e potencialidades.

Essa citação refere-se ao reconhecimento e a valorização das experiências, tradições e conhecimentos que são transmitidos de geração em geração dentro da comunidade quilombola. Esses saberes são fundamentais para a identidade cultural e a sobrevivência da comunidade. Para mim, a educação não se resume a aprender coisas na escola. Na minha comunidade, ela é muito mais do que isso, é a força que molda nossa identidade, que mantém viva nossa cultura e que nos dá armas para lutar pelos nossos direitos.

A educação me deu o poder de entender e valorizar minhas raízes. Este memorial mostra como a memória coletiva e nossas histórias são essenciais para preservar nossa cultura quilombola e para não deixar que ela seja esquecida. Nesse sentido, é um ato de resistência, fortalece quem somos e nossa luta por autodeterminação.

Minha trajetória na academia foi cheia de desafios. O acesso à educação de qualidade não é fácil para nós, faltam recursos e temos que conciliar os estudos com muitas outras responsabilidades. Apesar de tudo, eu superei esses desafios, o que demonstra a nossa força e como a educação pode abrir portas para um futuro melhor. Para uma vida mais digna, precisamos de políticas públicas que deem a todos as mesmas oportunidades.

Acredito em uma educação que veja a realidade de cada aluno, que nos ajude

a pensar criticamente sobre nossas experiências. Nesse sentido, meu memorial é uma forma de refletir sobre como a educação constrói conhecimento. Para mim, e para a minha comunidade, essa visão crítica é fundamental para criar uma sociedade mais justa e igualitária.

Meu trabalho mostra a importância da conversa entre a academia e as comunidades quilombolas, minha pesquisa e meu memorial ajudam a aumentar o conhecimento sobre nossa cultura, a valorizar nossa rica herança. Minha história demonstra como a experiência de vida pode se tornar conhecimento, promovendo o diálogo entre culturas diferentes. A educação não é só aprender, é sobre transformar nossa sociedade, preservar nossa cultura e nos empoderar, minha história mostra a urgência de uma educação inclusiva, que respeite nossa diversidade e nos dê a todos as mesmas chances.

4 REFLEXÕES DE UMA QUILOMBOLA

Este memorial contribui para o debate sobre as desigualdades educacionais, narrando a força da nossa comunidade e a importância de políticas públicas que garantam o acesso à educação como um direito, não apenas uma possibilidade. Minha história visa inspirar outras pessoas a lutarem por seus sonhos, destacando a perseverança e a resistência necessárias para construir uma sociedade melhor.

Minha jornada, contada neste memorial, mostra como minha vida pessoal e a história da comunidade de Itacoã Miri estão profundamente ligadas. Minha trajetória na academia surgiu das minhas experiências e a educação se tornou uma ferramenta poderosa para me fortalecer e preservar a minha cultura. As dificuldades que enfrentei desde criança, a falta de recursos e o acesso limitado à escola não me pararam, mas me fizeram buscar conhecimentos com ainda mais força.

As histórias que contei, as brincadeiras, as festas, nossas tradições, etc. formam quem eu sou e mostram a importância da nossa memória coletiva e da forma como passamos nosso conhecimento de geração em geração. Precisamos de políticas públicas que reconheçam e valorizem nossa cultura, tão rica e importante.

Concluir o ensino médio em Belém e buscar o ensino superior foi um passo importante para a construção de um futuro melhor e, também, um compromisso com a preservação e a divulgação da cultura quilombola.

Este memorial não é só sobre a minha vida, é uma contribuição para o debate

sobre a educação em comunidades tradicionais como a nossa. Precisamos de uma educação que leve em conta nossa realidade, que respeite nossa cultura e dê a todos as mesmas oportunidades. Minha experiência mostra que a educação não é apenas sobre aprender, mas sobre empoderar as pessoas e as comunidades para construírem seu futuro, mantendo sua identidade e lutando pelos seus direitos. Assim, espero que minha história inspire aqueles que sonham com um mundo mais justo.

Minha história não é apenas minha, é a história de muitas pessoas na minha comunidade e de outras comunidades como a nossa, é uma história de luta, de superação, mas também de muita esperança, e mostra a força que temos para vencer as dificuldades. Além disso, demonstra a importância da educação como ferramenta para mudar nossas vidas e reforça a necessidade de um país que respeite e valorize nossa cultura. Precisamos de mais oportunidades, de escolas melhores, de políticas que nos ajudem a preservar nossas tradições. Meu memorial é um grito por justiça, um pedido por igualdade, um convite para que todos lutem por um Brasil onde cada um tenha a chance de ser quem quiser ser, sem esquecer de onde veio.

Meu memorial conta minha história de um jeito que mostra a ligação profunda entre minha vida e a minha comunidade. A forma como organizei tudo, dividindo em partes, ajuda a entender minha trajetória, desde a infância em Itacoã Miri até a faculdade, contei tudo com detalhes, tentei mostrar como minhas experiências pessoais se conectam com questões maiores, como a nossa cultura, a luta do nosso povo e a força da educação para nos empoderar. Por fim, como disse Pereira (2008, p.99) “Minha trajetória é uma história que não chegou – e nem chegará – ao fim. Ser educadora é ser antes, humana”.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. G. R. **A Educação no Quilombo e os Saberes do Quilombo na Escola.** 1. Ed. Curitiba: Vitória Editora, 2012.

BARBOSA, J.O.; RODRIGUES, D.S. **Luto e seus impactos na Saúde Mental**. In: Estudos Avançados sobre o Luto. Campinas: Livro Pleno, 2002.

CARMO, E.S.; CUNHA, F.F.; PRAZERES, M.S.C. Transporte escolar na Amazônia: uma análise dos condicionantes de acesso de estudantes ribeirinhos à escola do campo. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 5, p. e6897, 2020.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. **Itancuã Miri.** São Paulo: CPI-SP, 2023. Disponível em: https://cpisp.org.br/itancua-miri/.

FIGUEIREDO, P.S.; PHILIPP, R.R. Memória e Trabalho de Mulheres Quilombolas: Luta Pela Terra e Defesa Do Modo De Vida No Quilombo De Thiagos – Bahia.**Trabalho Necessário**, v.22, nº 48 - 2024 (maio-agosto).

LANDAU, L. **Os hibridismos do artesanato quilombola do Rio Andirá** In Amazonas: análise da rede sociotécnica à luz dos saberes locais e etnoecológicos. 2020.

LEANDRO, J.C.; FREITAS, P.M.L. Luto infantil: A vivência diante da perda de um dos pais. **Revista Uningá**, v. 46, n. 1, 2015.

LIBÂNEO, J.C. **Didática:** velhos e novos temas. Goiânia: Edição do autor, 2002.

LIMA, M.S.L; PIMENTA, S.G. Estágio e Docência: Diferentes Concepções. **Poíesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006.

LIMA, L.C.S. **Religião, cultura e identidade:** transformações no campo religioso através da inserção da Igreja Assembleia de Deus na Comunidade Quilombola Riachão. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) - Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, 2017.

MONTEIRO, E.N. **Educação Escolar Quilombola:** Um Estudo Sobre a Implementação da Resolução 8/2012 na Escola da Comunidade Itacoã-Miri. 2018. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Ciências Sociais, Belém, Pará, 2018.

OLIVEIRA, J.B. **Território e políticas de ação afirmativa para remanescentes quilombolas na Amazônia:** programa Raízes e Pará Quilombola nas comunidades de Itacoã-Miri e Guajará-Miri. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2013.

PARÁ, Universidade Federal Do**. O que é o Mobaf? Processo Seletivo à Mobilidade Acadêmica Afirmativa**. Portal da Universidade Federal do Pará. Belém, Pará, 2025. Disponivel em: https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/14815-processo-seletivo-a-mobilidade-academica-afirmativa-2024-mobaf-2024-tera-reoferta-de-vagas#:~:text=Processo%20Seletivo%20%C3%A0%20Mobilidade%20Acad%C3%AAmica,2024)%20ter%C3%A1%20reoferta%20de%20vagas

PARÁ, Universidade Federal Do**. O que é o PSE? Processo Seletivo Especia**l. Portal do Centro de Processos Seletivos da Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2025. Disponível em: Processo Seletivo Especial

PEREIRA, A.S. **A alfabetização sob o olhar de uma educadora de EJA:** entre o como e o por quê. 2008. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

PINTO, B.C.M. Gênero e Etnicidade: histórias e memórias de parteiras e curandeiras no norte da Amazônia. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 2, jul./dez., 2012.

PINHEIRO, L.R.; GAMA, M.C.M. (In)Segurança Alimentar No Âmbito Escolar e a Problemática do Desvio de Verbas. **Revista Ratio Iuris,** v.2, n.1, 2023, p.97- p.107.

PRADO, G.V.T.; SOLIGO, R. **Memorial de Formação – quando as memórias narram a história da formação.** Faculdade de Educação da Unicamp, São Paulo, p. 01-10.

QUEIROZ, N.L.N.; MACIEL, D.A.; BRANCO, A.U. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia**, v. 16, n. 34, p. 169-179, 2006.

SANTANA, A. P. N. Memórias, vozes e saberes: narrativas orais de mulheres negras da comunidade quilombola do Monte Recôncavo. 2024. 121 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 20ª Ed. São Paulo: Cortez, 1997, p. 141-143.

SILVA, T.T. **Teorias do currículo:** uma introdução crítica. Colecção Currículo, políticas e práticas, v. 2. Porto: Porto Editora, 2000.

SILVA, R.G. **Saberes tradicionais de benzedeiras e os processos educativos da EJA**. 2022. 98 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. In: Psicologia e Pedagogia, o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organização de Michael Cole et al. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2007.